

CHARLES RIVER EDITORS

JESSE HARASTA

ODIN

As Origens, História e Evolução
do Deus Nórdico

CHARLES RIVER EDITORS

JESSE HARASTA

ODIN

As Origens, História e Evolução
do Deus Nórdico

Odin: As Origens, História e Evolução do Deus Nórdico

Por Jesse Harasta e Charles River Editora



Ilustração em pedra medieval de Odin entrando no Valhalla

Sobre a Charles River Editora



Charles River Editora foi fundada por alunos da Harvard e MIT a fim de providenciar editoração superior e serviços de publicação original, com a experiência necessária na criação de conteúdo digital para escritores em uma ampla gama de assuntos. Além de fornecer conteúdo digital original para publicações independentes, a Charles River Editora republica as maiores obras literárias da civilização, trazendo-os a uma nova geração através dos e-books.

[Inscreva-se aqui para receber atualizações sobre livros gratuitos conforme os publicamos](#), e visite [Nossa Página do Autor Kindle](#) para ver as promoções gratuitas de hoje e nossos últimos títulos Kindle publicados.

Sobre o Autor

Jesse Harasta graduou-se em 2009 pela Syracuse University com um mestrado em Antropologia Linguística e Cultural. Jesse atualmente é um estudante de doutorado concluindo sua tese, e já teve artigos publicados em revistas acadêmicas e periódicos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

Introdução



Ilustração do século VII mostrando Odin liderando guerreiros

Odin

Um homem caolho, com uma capa cinza e um chapéu de abas largas apoiando-se em uma bengala. Um andarilho que aparece quando menos esperado, trazendo triunfo ou perdição. O deus da profecia, poesia e destino. Um metamorfo. Um feiticeiro. O deus Odin representa uma figura dramática na mitologia nórdica e permanece uma parte da imaginação popular. Ele é a inspiração para personagens como Gandalf o Cinza de J.R.R. Tolkien, e ainda faz parte de literatura moderna tão variada quanto histórias em quadrinhos da Marvel bem como o romance de Neil Gaiman *Deuses Americanos*.

Ao lado de seu filho Thor, Odin é um dos deuses nórdicos mais bem conhecidos, e é bem fácil esquecer-se que outrora ele esteve no centro de um panteão devotamente adorado por milhões de europeus durante a Idade Média. Odin possui numerosos nomes e títulos (mais de 200 de acordo com uma fonte), mas seu título mais conhecido é o “Pai de Tudo”, o co-criador da Terra (“Midgard”), da humanidade e todas as criaturas que habitam esse mundo. Importante notar que ele também é o deus da profecia, êxtase, e

poesia, papéis todos profundamente conectados no mundo nórdico, tendo em vista que a linha separando o poeta do profeta era tênue e eles eram tidos como possuindo uma inspiração por uma espécie de fúria extática. Esses papéis eram conectados pelo fato de Odin patrocinar o conhecimento, especialmente o conhecimento místico, já que ele era o descobridor de runas mágicas e músicas que então passou para a humanidade. Isso não foi obtido sem sacrifício – ele teve de arrancar um de seus próprios olhos e permanecer morto por nove dias com fim de adquiri-los.

Odin era um deus da vida e também da morte, e famoso por tomar as almas de guerreiros que morriam em combate de volta ao seu reino de Valhalla. Seu papel estava ligado à sua posição como um deus da guerra, uma posição que talvez não pareça evidente a um leitor moderno para um deus do conhecimento e sabedoria. Entretanto, Odin era o rei dos deuses e o mestre de Asgard; portanto, no entendimento nórdico, uma de suas tarefas cruciais era a defesa daquele reino através de poderio militar quando necessário. Seus seguidores vivos iriam invocá-lo durante batalhas, e dizia-se que ele levou campeões e até mesmo exércitos de humanos ao triunfo.

É útil comparar Odin a duas outras divindades proeminentes: Thor e Zeus. Thor, o filho de Odin, era um outro deus da guerra nórdico, e Zeus era um outro deus rei. E ainda em ambos os casos, Odin difere grandemente destes deuses. Ele era mais enigmático, e seu poderio era mais indireto e sutil. Odin era um deus de mistérios, de descobrir conhecimento obscuro, e ainda que fosse poderoso em batalha, as histórias onde ele tem maior destaque são aquelas onde ele assume formas discretas e faz com que os outros lhe passem informações que talvez não divulgassem tão abertamente. Isso difere da natureza temperamental dos outros dois deuses e de seu orgulho. Odin sempre foi um deus que planejava muitos passos adiante, disposto a fazer sacrifícios de curto-prazo extremos para progredir com seus planos, e continuamente trabalhava para endireitar a natureza de seu destino.

Este livro explora a figura de Odin, incluindo suas origens, as histórias contadas sobre ele, o modo como era adorado e fragmentos e memórias dele que sobreviveram até a era moderna. Junto de ilustrações e uma bibliografia, você aprenderá a respeito de Odin como nunca antes, e sem perder tempo.

[Odin: As Origens, História e Evolução do Deus Nórdico](#)

[Sobre a Charles River Editora](#)

[Sobre o Autor](#)

[Introdução](#)

[Nota sobre Nomes e Caracteres Nórdicos](#)

[A segunda letra é /ð/, chamada “eth”. Eth foi utilizado no inglês antigo, línguas escandinavas medievais, e ainda é utilizado em islandês e faroês \(a língua das ilhas Faroe, localizadas próximo à Islândia\). Eth também produz um som similar ao /th/, e em inglês antigo podia ser usado de forma intercambiável com o thorn, mas em algumas formas escandinavas, é uma letra silenciosa. Essas letras são utilizadas com propósito de fidelidade históricas, mas a maior parte dos leitores vai ter maior facilidade utilizando nomes adaptados.](#)

[Capítulo 1: Raízes Históricas da Divindade](#)

[Capítulo 2: Lendas sobre Odin](#)

[Capítulo 3: Adoração de Odin](#)

[Capítulo 4: Misticismo Nórdico e Odin](#)

[Capítulo 5: Declínio da Fé Nórdica](#)

[Bibliografia](#)

Nota sobre Nomes e Caracteres Nórdicos

De maneira geral, nomes nórdicos utilizam o mesmo alfabeto latino que o Inglês ou Português, porém, existem duas letras únicas que não aparecem nessas línguas modernas, mas são importantes na mitologia Nórdica. Neste texto, nomes Nórdicos serão expostos usando tanto a ortografia original quanto a forma adaptada.

A primeira destas letras é /Þ/, chamada “thorn”. Thorn está presente no inglês antigo e medieval, bem como nos alfabetos de norueguês antigo, islandês e gótico. O som é similar ao existente na língua inglesa produzido pelo /th/. A letra foi em maior parte abandonada, mas ainda é utilizada na Islândia e aparece nos textos islandeses que são as fontes primordiais de informação a respeito de Thor.

A segunda letra é /ð/, chamada “eth”. Eth foi utilizado no inglês antigo, línguas escandinavas medievais, e ainda é utilizado em islandês e faroês (a língua das ilhas Faroe, localizadas próximo à Islândia). Eth também produz um som similar ao /th/, e em inglês antigo podia ser usado de forma intercambiável com o thorn, mas em algumas formas escandinavas, é uma letra silenciosa. Essas letras são utilizadas com propósito de fidelidade históricas, mas a maior parte dos leitores vai ter maior facilidade utilizando nomes adaptados.

Capítulo 1: Raízes Históricas da Divindade

“Gangleri começou seu questionamento desta forma: ‘Quem é o principal, ou o mais velho, dentre todos os deuses?’ Hárr respondeu: ‘Em nossa língua ele é chamado de Pai de Tudo, mas na Antiga Ásgard ele tinha doze nomes: o primeiro é Pai de Tudo, o segundo é Senhor, ou Senhor de Exércitos; o terceiro é Nikarr, ou Senhor da Lança; o quarto é Nikudr, ou Atacante; o quinto é Conhecedor de Muitas Coisas; o sexto, Realizador de Desejos; o sétimo, O Que Fala Com Profundidade; o oitavo, O Agitador, ou Ele que Coloca Exércitos à Luta; o nono, O Queimador; o décimo, O Destruidor; o décimo primeiro, O Protetor; o décimo segundo, Castrado”” *A Gylfaginning III*, da Edda Prosaica.^[1]

Através dos milênios, muitos deuses diferentes foram adorados por culturas e civilizações diferentes, e muitos deles fascinaram até aqueles que leem a seu respeito sem acreditar neles. Porém, um aspecto frequentemente negligenciado dos vários deuses são as similaridades que alguns tendem a compartilhar com outros, um resultado quase inquestionável do fato que culturas interagiram entre si através do comércio, guerra e outras formas de comunicação. Portanto, não deve ser nenhuma surpresa que o deus cristão compartilha similaridades com outras divindades antigas entre civilizações vizinhas no Oriente Médio, e é prontamente evidente que os romanos captaram sua mitologia quase inteiramente dos gregos.

Os deuses nórdicos descendem de uma tradição religiosa frequentemente referida como “Indo-Europeia”, que inclui os panteões da velha Europa, incluindo os gregos, romanos, celtas, germânicos, eslavos, etc. “Indo-Europeu” é um termo empregado não para as culturas, mas para as famílias linguísticas, grandes agrupamentos de idiomas que compartilham uma raiz histórica apesar de terem divergido vastamente em suas histórias. As línguas semíticas são encontradas primariamente no Oriente Médio contemporâneo e incluem árabe, hebraico, amárico e aramaico, bem como os idiomas ancestrais da mesopotâmia. As línguas Indo-Europeias incluem todas as línguas da Europa ocidental, do Irã, e aquelas do norte da Índia. Essa é uma abrangente generalização, e há um número de exceções. Por

exemplo, as línguas basca, turco, finlandês, estônio, saami e húngaro não são indo-europeias apesar de muitos dos falantes destas línguas residirem na Europa. Isso é particularmente relevante quando discutindo mitologia e deuses, porque é importante não associar automaticamente uma certa família linguística com uma certa cultura. Os panteões tradicionais saami e finlandeses tinham grandes similaridades com aqueles dos nórdicos, incluindo suas próprias versões de Thor, apesar das grandes diferenças de idiomas.

Em geral, a religião “indo-europeia” é associada com os grupos linguísticos, mas esse sistema religioso, que tomou muitas formas em diferentes regiões, era adorado por outros grupos de pessoas que não falavam idiomas indo-europeus. De fato, não há nada de inerente em falar línguas indo-europeias que faz de alguém predisposto a seguir os seus deuses, como demonstrado pelo fato que enormes números de falantes de línguas indo-europeias hoje seguem o deus semita dos cristãos, muçulmanos e judeus.

Ao se deparar com tais similaridades entre deuses de culturas diferentes, há apenas três explicações lógicas para elas. A primeira é a evolução paralela, que significa que a mesma força externa levou povos em contextos diferentes a desenvolver ideias similares. A segunda é uma origem em comum, na qual os dois agora distintos (porém similares) conceitos ambos provêm das mesmas raízes históricas. Finalmente, a terceira opção é a da difusão, onde uma ideia foi desenvolvida em uma cultura e então exportada para outras sociedades.

No caso desses deuses, quando pesquisadores não conseguem estabelecer contato histórico entre dois povos que possuem deuses compartilhando apenas algumas similaridades, geralmente presume-se que a razão é a evolução paralela. Por exemplo, Thor e o deus cristão Jeová foram ambos provavelmente inspirados pelo mesmo espanto causado pelo fenômeno natural do trovão e relâmpago. Entretanto, em circunstâncias onde as culturas em questão compartilharam contatos históricos, tais como comércio ou guerra, a ideia de desenvolvimento independente se torna bem menos provável. No caso dos deuses do trovão da Europa, existe há tempos discussões sobre o relacionamento entre eles. Uma escola de pensamento

promoveu a ideia que esses deuses na verdade surgiram de uma única raiz histórica.

Um dos métodos aplicados por pesquisadores é a utilização de linguística histórica para reconstruir palavras. Linguística histórica leva em conta palavras relacionadas (“cognatos”) em idiomas relacionados e tenta rastrear a palavra raiz original da qual podem descender. Isso é mais complexo do que uma simples comparação, pois também envolve considerar a mudança dos sons com o tempo. Quando existem mais palavras cognatas disponíveis, a busca pela raiz se torna progressivamente mais fácil, e (teoricamente) os resultados se tornam mais precisos e podem ter maior profundidade temporal. Ao mesmo tempo, infelizmente, os resultados são sempre hipotéticos, já que é impossível certificar-se de como os falantes de uma língua morta falavam. Assim sendo, os produtos destes estudos, as palavras antigas propostas, são sempre marcados no meio acadêmico com um asterisco “*” para observar que elas não podem ser confirmadas.

*Þunraz (pronunciado “*thunraz”) é uma destas palavras. Estudiosos tomaram vários termos, incluindo os deuses Thor (ou, como a palavra é algumas vezes escrita, “Þórr”), Donar, Donner, e Þunor, mas eles também observaram termos cognatos como “thunder” (trovão, em inglês), “dunder” (sueco), “donder” (holandês), “tornden” (dinamarquês), “donner” (alemão) and “þrumuveðri” (Islandês). Estudiosos que tracejaram para o passado a partir destas palavras para reconstruir *Þunraz alegam que a palavra foi provavelmente o mesmo termo para o deus bem como o fenômeno natural do trovão. *Þunraz seria, portanto, um antigo e ancestral deus indo-europeu, um dos arquétipos do qual outros panteões alimentaram-se, alteraram e misturaram com correntes de outras culturas para criar as várias divindades contidas nos registros históricos.^[2]

Por centenas de anos, observadores discutiram as raízes de crenças religiosas e divindades, e historicamente houveram três escolas de pensamento que buscaram explicar a existência dos panteões tradicionais, especialmente aqueles da Grécia, Roma, Escandinávia e Oriente Médio. Essas escolas são a Euvemerista, Historicista e Psicológica, todas as quais buscam explicar não só os aspectos religiosos, mas também a história e natureza secular das religiões. O que todas compartilham é um respeito

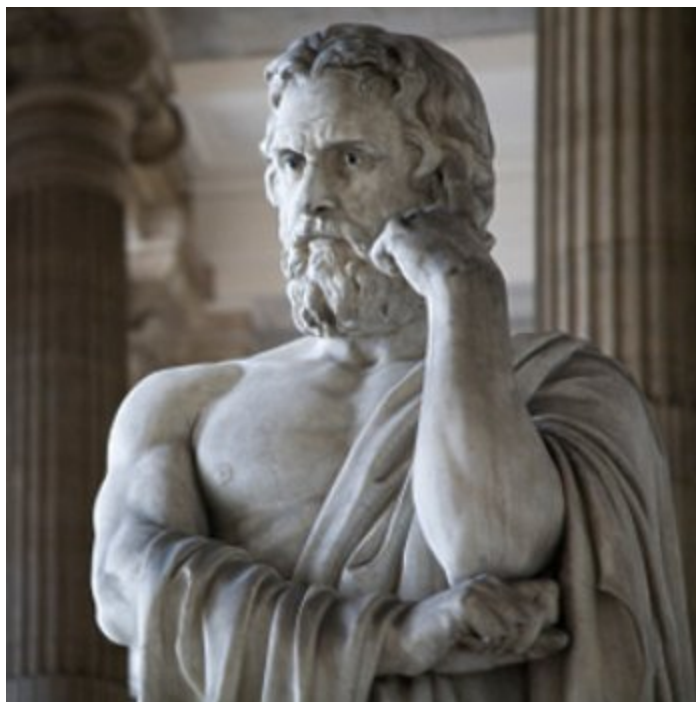
pelos fiéis destas eras passadas, e essas escolas tentam demonstrar de que modo as pessoas poderiam ter acreditado de maneira racional na existência destes deuses e encontrado significado em suas vidas por conta deles.

Infelizmente, uma resposta final para a questão das raízes do paganismo germânico nunca será totalmente clara, pois esses povos não escreviam. Isso significa que pesquisadores estão limitados a três fontes de informação imperfeitas: os mitos que sobreviveram, linguística histórica e arqueologia. Cada um dos três sofrem de algo chamado “viés de preservação”, um termo usado na arqueologia para explicar que alguns materiais permanecem bem preservados (tais como pedras e cerâmica), enquanto que outros não (tais como roupas ou madeira). Isso significa que quando pesquisadores investigam povos antigos, eles estão aptos a descobrir mais a respeito dos mais nobres artesãos em ferramentas de pedra do que sobre os melhores costureiros ou carpinteiros antigos.

Ademais, a informação não é mantida perfeitamente dentre nenhuma destas fontes. Ao contrário, é pontual e tem enormes lacunas. Por exemplo, a arqueologia pode explicar bastante sobre a alimentação, habitação e tecnologia de povos antigos, mas pouco sobre suas histórias, mitos e música. A linguística histórica pode explicar os relacionamentos antigos entre os povos e alguma coisa a respeito de seus movimentos, a mitologia comparativa pode nos providenciar uma ideia a respeito de seu sistema de crenças, mas nenhum cria uma imagem perfeita. O passado é sempre turvo, e isso significa que enquanto que algumas pessoas possam preferir uma explicação do que outra a respeito das origens dos deuses, ninguém pode argumentar de uma posição de perfeita certeza.

Os euvemeristas são nomeados assim por conta de um personagem do cristianismo antigo chamado Euvêmero, que teorizou que o panteão grego era de fato uma deificação de líderes militares mortos há tempos. Euvêmero argumentou que as divindades gregas foram antigos reis humanos e heróis transformados em deuses através do processo de séculos recontando suas histórias de forma exagerada. A posição euvemerista era comumente tomada por antigos cristãos combatendo o paganismo grego e romano, e era bem conhecida por qualquer estudioso cristão medieval europeu,

especialmente aqueles que estudavam (e pregavam contra) o panteão pagão nórdico. [3]



Estátua antiga de Evêmero

Os estudiosos cristãos nórdicos mais antigos começaram a utilizar o euvemerismo como um argumento contra os pagãos, e os dois escritores mais importantes nesta área foram Saxo Grammaticus e Snorri Sturluson, o autor da *Edda Prosaica*^[4]. Snorri propôs sua teoria euvemerista na *Edda Prosaica* quando explicou sua crença de que Odin e Thor e os outros deuses foram outrora humanos mortais, e que os locais de suas tumbas se tornaram pontos de adoração ao decorrer dos séculos. Snorri acreditava que os Aesir eram um grupo de pessoas que viviam numa cidade chamada Asgard na Ásia Ocidental e que seu rei – Odin – os liderou rumo ao oeste dentro das terras germânicas para fundar um novo reino.



Manuscrito do Século XVIII da *Edda Prosaica* de Snorri

Saxo foi ainda mais longe, dando uma história mais elaborada. Ele acreditava que Odin era o rei de Uppsala, e que encorajava seu povo a adorá-lo como a um deus, ao ponto de ter um ídolo dourado de si próprio confeccionado para o templo. Sua esposa, Frigga, junto com seu amante (um servo), roubaram o ouro e forçaram Odin a exilar-se. Um feiticeiro tomou seu lugar e tentou criar seu próprio culto, mas eventualmente Odin retornou e expulsou-o. O local de sua tumba em Uppsala tornou-se uma área sagrada, o que continuou sendo até o fim da era pagã. Uppsala era o centro cerimonial dos reinos pagãos suecos, com esplêndidos templos nos

tempos de Saxo bem como as tumbas de famílias reais, esses sendo pontos favoráveis ao seu argumento.^[5]

Os autores euvemeristas do antigo período cristão e medieval tinham razões para acreditar que os reis antigos se expusessem como deuses, e que seu poder fosse adorado pelos descendentes. Afinal, eles podiam simplesmente apontar para os imperadores romanos. O culto imperial era a religião oficial de Roma entre a fundação do Império e a sua conversão ao cristianismo, e dizia-se que imperadores tinham orientação divina e, após sua morte, podiam ser elevados à divindade por meio de uma votação no senado romano. Alguns romanos que foram elevados desta tal forma incluem Júlio César e seu herdeiro Augusto. Isso serviu como um elemento crucial em manter a unidade do Império Romano, recebendo forte oposição dos primeiros cristãos. Eles podiam traçar um paralelo com as origens humanas de César e Augusto, e sem dúvida ficaria fácil teorizar que havia uma explicação similar para a deificação de deuses como Zeus e Odin.^[6]

Em uma corrente similar, é possível que personagens históricas reais tivessem sido integradas à mitologia. Por exemplo, Aquiles talvez não tenha de fato lutado em Tróia, mas historiadores estão quase certos que existiu uma Guerra de Tróia, e faria sentido que os personagens na *Iliada* de Homero fossem baseados em histórias verdadeiras da guerra que, no mínimo, tivessem alguma relação com fatos. Entretanto, há pouca evidência direta sugerindo que panteões de deuses sejam baseados em figuras históricas reais.

Assim, a teoria a respeito de figuras históricas provavelmente não explica as origens dos deuses nórdicos, pelo menos não de maneira completa. Os deuses nórdicos do final da era pré-cristã possuem ligações diretas a divindades ao redor do Norte Europeu, e através de um vasto período de tempo. Naturalmente, isso significa que teorias a respeito das origens do panteão pagão nórdico tendem a correr em paralelo com o interesse geral no paganismo.

Durante muitos séculos, o interesse em Odin e nos Aesir esteve adormecido, mas foi novamente aceso no século XIX durante o movimento Romântico. Alemães tornaram-se interessados em folclore, e com isso veio um interesse acadêmico nas raízes da língua germânica e antiga cultura

germânica. Os linguistas mais antigos tais como os irmãos Grimm (os mesmos famosos por seus contos de fadas) buscaram comparar rastros de vários dialetos germânicos e tradições populares e então utilizar uma abordagem comparativa para, lentamente, traçar e encontrar as raízes compartilhadas em comum do que hoje são línguas e culturas díspares. Essa técnica foi aplicada não somente para às línguas, mas também para a crença religiosa. Ao coletar os fragmentos de folclore e contos escritos e comparando-os entre as regiões, uma compreensão das formas primordiais poderia ser atingida, e eles fizeram o mesmo com os nomes dos deuses. Por exemplo, o nórdico “Odin” é acompanhado por uma série de outros deuses germânicos com nomes similares: O inglês antigo “Wōden”, saxão antigo “Wōdan”, e antigo alto-alemão “Wōtan”. Usando estes nomes, bem como sua compreensão de como as línguas evoluíram e quais tipos de mudanças de som são mais comuns, linguistas históricos propuseram que o deus germânico original no idioma chamado “proto-germânico” era conhecido como “*Wodanaz” ou “*Wōdanaz”. O asterisco (*) é utilizado em linguística histórica para denotar uma palavra para a qual estudiosos não tem confirmação, e constitui uma reconstrução hipotética.

Essa origem é complicada pela existência de uma personagem relativamente pequena na mitologia chamada “Óðr”, que é casado com Freya. O nome “Óðr” significa loucura ou fúria, talvez relacionado à fúria poética pela qual eram conhecidos os videntes e poetas proféticos tão proximamente associados a Odin. Alguns estudiosos argumentaram que esse personagem é de fato um descendente do mesmo deus raiz que Odin e representa sua associação com este conceito de fúria poética. Certamente, a proposta raiz proto-germânica para esse conceito, “*wōþuz”, tem similaridades com os nomes de ambos os deuses.^[7]

*Wodanaz parece ter sido similar a um deus encontrado dentre os povos celtas vizinhos. O deus celta Lugus (ou Lugh, dentre os Irlandeses) era o padrinho da soberania real, feitiçaria e poesia, dentre outras coisas, e seu augusto festival – Lughnasa na Irlanda – era uma celebração da dança, poesia e drama.^[8] Curiosamente, observadores Romanos acreditavam que ambos Lugus na Gália e Odin na Germânia eram na verdade representações de seu deus Mercúrio.^[9]

A abordagem “psicológica” tenta explicar as formas de crença religiosa – em especial lendas – ao entendê-las como manifestações locais de impulsos psicológicos humanos universais. As raízes desta abordagem vêm do final do século XIX, mas ela desabrochou completamente ao início do século XX. Em 1902, William James publicou *As Variedades da Experiência Religiosa*, que explorava a natureza da crença religiosa partindo de uma perspectiva psicológica, tentando descobrir exatamente como as necessidades psicológicas das pessoas alimentam várias formas de experiências religiosas.

Apoiando-se em pioneiros como James, os trabalhos de psicanalistas como Freud e Jung exploraram o poder do subconsciente mental. Jung especialmente examinou o conceito de arquétipos, e a poderosa influência que essas figuras têm sobre as mentes das pessoas. Mitos e deuses podem ser interpretados dentro dessa estrutura como ferramentas psicológicas que as sociedades criaram para auxiliá-las a superar suas crises.

Um importante conceito que Jung examinou que tem relevância particular sobre um estudo de Odin é a ideia do “psicopompo”. Na mitologia, um psicopompo é um personagem que entrega as almas dos mortos das terras dos vivos ao além. Mas Jung foi mais adiante e explicou que psicopompos também foram mediadores entre a parte consciente e subconsciente das mentes das pessoas. Esses personagens são às vezes animais, como corvos (que tem uma conexão especial com Odin), às vezes humanos, como xamãs que auxiliam a jornada espiritual de seus rebanhos, e às vezes seres míticos similares a humanos, tal como Odin. Odin é o perfeito exemplo de um psicopompo Jungiano, pois ele navega não somente a vida e a morte, mas também os mundos do visível e invisível, entre a mágica e a realidade. Ele é um deus de profecia, e como o xamã, sua perspectiva dentro do reino das trevas traz entendimento do futuro.

Enquanto que as três escolas de pensamento compartilham similaridades, no final elas oferecem explicações muito diferentes para a existência de Odin e deuses similares. Foi ele um rei humano equivocadamente deificado por seus seguidores? Foi ele parte de um antigo conto popular, transformado e fundido com outros contos ao passar dos séculos? Ou foi ele simplesmente uma ferramenta psicológica criada para ajudar as pessoas a

entender eventos em suas próprias vidas e dialogarem com ele? A verdade pode estar em algum lugar no meio, com personagens históricas reais oferecendo parte do material fundido aos antigos contos e folclore.

Capítulo 2: Lendas sobre Odin

Estudiosos continuam a examinar e analisar as raízes históricas de divindades antigas e medievais, mas é também importante tentar entender como exatamente essas divindades eram vistas e adoradas por seus seguidores. Independente da verdadeira explicação para as origens de certos deuses, as pessoas que os seguiam obviamente também tinham suas próprias explicações a respeito disso.

No caso dos deuses nórdicos, há vários mitos e lendas que sobreviveram, em especial as duas excepcionais coleções de mitologia nórdica denominada de Eddas. Há também outras fontes, incluindo as sagas islandesas e outros documentos menores.

As “Eddas” são textos medievais que explicam as origens, aventuras e destinos finais dos deuses, bem como contos sobre as origens do mundo e outros temas parecidos. A primeira das Eddas é chamada de “Antiga” ou “Poética”, pois é mais velha e escrito de forma poética, enquanto a outra é a Edda “Jovem” ou “Prosaica”. Ainda que ambas sejam imensamente importantes para compreender Odin, há algumas grandes diferenças entre elas.^[10]

A *Edda Poética* é composta por uma série de poemas que provavelmente já existiam por algum tempo dentre os nórdicos antes de serem escritos por volta do fim do século XI. Enquanto que não seja possível confirmar o autor exato, a tradição diz que ela foi coletada por Sæmund Sigfusson, um descendente do famoso rei Harald Hildetonn. Se Sæmund de fato escreveu o livro, ele teria sido um autor perfeito: sua família de alto status lhe conferiu a oportunidade de educar-se sobre os antigos contos e também lhe providenciou a riqueza para viajar, o que ele fez, através da Europa. Felizmente para a posterioridade, Sæmund nasceu cerca de 50 anos antes do estabelecimento do cristianismo como religião oficial da Islândia, o que significou que ele podia aprender os contos em um ambiente público sem temer perseguição. Sabe-se que além da possível autoria da *Edda*, Sæmund também escreveu extensivamente sobre a história e poesia de seu povo e tinha a reputação (no folclore até os dias de hoje) de ser um feiticeiro habilidoso em magias de proteção. Apesar de não se saber se Sæmund era um crente, seu status como “feiticeiro” e seu interesse nesses contos

indicam que ele pode ter sido um, e pode ter imaginado a *Edda* como um documento comparável e concorrente à bíblia cristã.

Fiel ao seu nome, a *Edda Poética* é composta de uma série de poemas temáticos que são divididos entre duas seções, a Mitológica (que lida com histórias sobre a criação do mundo e dos deuses) e a Heróica (que lida com os contos das façanhas de humanos). Naturalmente, Odin tem participação proeminente em muitos desses contos, tais como a *Völuspá*, uma narrativa sobre a criação e o eventual destino do mundo. Na *Völuspá*, o narrador – uma vidente – está explicitamente contando a sua história à Odin, de modo que o conto não somente revolve em torno de Odin e sua família, mas faz do deus a plateia oficial da história. Ele também tem uma grande participação na *Hávamál*, na *Lokasenna*, e na *Hárbarðsljóð*, todos poemas explorados em maior detalhe abaixo.

A *Edda Prosaica* é um documento mais recente atribuído a Snorri Sturluson, outro islandês proeminente que viveu entre 1178 e 1241 e foi por duas vezes o legislador (uma espécie de supremo magistrado) da Comunidade Islandesa medieval. Há uma conexão direta entre o trabalho de Snorri e aquele de Saemund. Quando era jovem, Snorri foi criado pelo neto de Saemund, um acadêmico letrado que vivia na mesma região que Saemund e sem dúvida tinha acesso às escrituras de seu ancestral. Naturalmente, Snorri aprendeu a história através de seu pai adotivo e cita os poemas da *Edda Anciã* inúmeras vezes em sua própria obra. Ele tentou converter as canções e os poemas nórdicos dispersos em uma obra de prosa coesiva, bem como adicionando uma introdução e conclusão.^[11]

A *Edda Prosaica* difere em um conjunto de maneiras importantes da *Edda Poética*, e enquanto que seja importante para o estudo de mitos nórdicos, ela é em algumas circunstâncias considerada a fonte de menor valor. A obra consiste de histórias em prosa, o que provavelmente é uma mudança em gênero dos poemas originais ligados à tradição oral, mas Snorri refere-se à *Edda Antiga* várias vezes e obviamente a utilizou como fonte (apesar de não ser a única). Snorri claramente teve acesso a contos e escrituras tradicionais, mas ele era sem dúvidas um cristão e tenta em seu livro explicar mitologia nórdica utilizando a lógica euvemerista. Já que em sua época a Islândia era cristã, Snorri provavelmente não teve o mesmo

fácil acesso aos contos que Sæmund teve gerações atrás; na metade do século XIII, os mitos nórdicos eram considerados um tema de pesquisa histórica, e não uma tradição viva.^[12]

Se a *Edda Prosaica* fosse simplesmente uma recontagem de histórias, ela não chamaria muita atenção, mas há contos sobre Odin e outros deuses neste livro que apenas sobrevivem nele, fazendo-o uma fonte de valor inestimável. A *Edda Prosaica* é dividida em três partes principais (além de um prólogo comentado): a *Gylfaginning* (A “Enganação de Gylfi”), a *Skáldskaparmál* (“A Língua da Poesia”) e a *Háttatal* (uma “Lista de Formas de Verso”). A primeira dá detalhes das histórias dos deuses nórdicos – incluindo a criação do mundo e eventos do Ragnarok – dentro da estrutura de um humano (rei Gylfi) sendo enganado por um misterioso trio de seres e forçado a responder suas perguntas. A *Skáldskaparmál* e a *Háttatal* são estruturadas mais para servirem como guias de formas poéticas do que coleções de contos e não estão diretamente relacionadas às histórias dos deuses.

Ambas as Eddas recontam a criação do mundo, uma série de eventos dos quais Odin está proximamente relacionado. Ao comparar e combinar as duas, os leitores podem atingir uma clara compreensão destes primeiros dias. As perguntas da *Gylfaginning* se iniciam com Odin, seus nomes e sua glória, e então voltam-se para suas origens:

“Então disse Gangleri: ‘O que fazia antes que os céus e a terra existissem?’

Hárr respondeu: ‘como conta o *Völuspá*:

No início dos tempos | quando nada existia:
Nem areia nem mar, | nem ondas frias do rio;
Não existia nem a Terra, | Nem os Céus-Éter,--
Apenas o Espaço vazio, | nem sequer grama.’

Então disse Jafnhárr: ‘Foi muitas eras antes de a Terra ser criada, que o Mundo da Névoa foi feito...’” *A Gylfaginning III-IV, da Edda Prosaica*^[13].

Os contos descrevem o mundo ancestral como sendo de fogo, gelo e névoa, em grande parte povoado pelos gigantes de gelo, seres que se

tornariam os arqui-inimigos de Odin até o final de sua vida. Estes seres descendiam de um gigante especialmente poderoso chamado Ymir, que foi criado pela coalescência de névoas gélidas e a chama primordial.

Odin e seus dois irmãos, por sua vez, são descendentes do deus Búri, que nasceu do gelo. Ambos Búri e Ymir foram criados por uma vaca chamada Auðumbla, que lambeu o gelo salgado. Búri gerou Borr, que se casou com Bestla (a filha de um gigante), e os dois tiveram três filhos: Odin, Vili e Vé. Os três filhos mataram Ymir e fizeram os mares com o seu sangue e as terras com o seu corpo. Desta maneira eles criaram Midgard – a Terra - e então criaram os primeiros humanos. Cada um dos três humanos deu um presente aos primeiros humanos, e foi Odin que lhes deu suas almas e sua vida. Odin era o filho mais velho e tomou a direção do novo mundo, e seus irmãos desaparecem dos contos. Como resultado, Odin é conhecido como o “Pai de Tudo”.

Em sua essência, os mitos nórdicos são a história de uma família, e os eventos épicos da história são todos realizados no contexto de relacionamentos entre irmãos, esposos, parentes e filhos. Odin, sendo o patriarca dos Aesir, tinha um sistema de relacionamentos familiares complexos. Ele era o filho de Bor e Bestla e tinha dois irmãos, Ve e Vili, com os quais criou a terra. Sua principal esposa era Frigga, mas ele também era casado com Erda, Grid, Rinda, Saga e Skadi, e como é de se esperar de um ser com tantas esposas, Odin também tem um amplo número de filhos: Balder, Beldegg, Bragi, Hermod, Heimdall, Hoder, Saeming, Sigi, Skiald, Thor, Vali, Vidar, Weldegg e Yngvi. O mais conhecido destes filhos é, claro, Thor, que era filho de Erda (a primeira esposa de Odin). Frigga era a mãe de Balder, Hermod e talvez Tyr. Rinda, a terceira esposa, era a mãe de Vali. Grid deu à luz a Vidar, enquanto que Gunlod era a mãe de Bragi, Skadi e Saga.^[14]

Alguns dos filhos de Odin tornaram-se figuras proeminentes por seu próprio mérito no panteão. Thor tornou-se o deus do trovão e da guerra, e nos dias finais da fé nórdica como uma religião bem estabelecida e praticada, Thor era considerado uma divindade de igual importância a seu pai. Heimdall era o protetor da ponte de arco-íris levando à cidade divina de Asgard, enquanto que Bragi era o padroeiro da poesia. Balder (também

conhecido como Baldr) era o mais belo dos deuses, e foi a sua morte, que segundo escreveu Snorri foi causada por uma das trapaças de Loki, que causou Ragnarok, a batalha apocalíptica que conclui o reinado de Odin.



Uma pedra rúnica medieval mostrando Odin, Thor e Freyr.



Pedra rúnica sueca medieval ilustrando o martelo de Thor

Além de sua imensa família, Odin também era conhecido por possuir uma série de objetos fantásticos e assistentes notáveis. O mais famoso é provavelmente Sleipnir, seu fantástico cavalo de oito patas. O maior de todos os cavalos, Sleipnir é filho de Loki (na forma de uma égua) e do garanhão Svaðilfari, um cavalo de incrível força. Sleipnir também é o pai de Grane, o cavalo dos grandes heróis Sigurd/Siegfried.^[15] Outros companheiros animais de Odin incluem os corvos Hugin e Munin, que significam “Pensamento” e “Memória”, respectivamente. Estes corvos viajam pelo mundo todo trazendo informação de volta para Odin, e são o motivo de um de seus muitos nomes: “O deus dos corvos”.^[16]



A pedra ilustrada Ardre VIII mostra Odin montando Sleipnir no topo.



Manuscrito islandês do século XVIII ilustrando Odin cavalgando com Sleipnir

Outro dos vários nomes de Odin é “Biflindi”, que significa “aquele que empunha uma lança”. Esse nome deve-se à sua posse da lança Gungnir. Gungnir foi fabricada pelos anões, e em alguns contos relata-se ser oriunda de um dos galhos da Yggdrasil (a Árvore do Mundo), e apresentada para Odin como uma prenda de Loki durante a mesma competição de troca de presentes em que Thor recebeu seu martelo. ^[17]



Ilustração de Odin e sua lança no Prédio da Biblioteca do Congresso

Por fim, uma das posses importantes de Odin é o seu lar, Valhalla, o “Castelo dos Mortos”. Esse imenso palácio se localizava em um bosque chamado Glasir e tinha 540 portas. Suas paredes eram feitas de lanças, e seu teto de escudos. Seus habitantes, 800 dos maiores guerreiros da história humana, passavam as noites banquetecendo-se sob seu teto, enquanto que durante o dia eles batalhavam entre si, como uma forma de se preparar para o Ragnarök. Odin os revivia todas as noites para suas celebrações.^[18] Estes mortos eram coletados dos campos de batalha onde caíram pelas Valquírias, “Donzelas de Batalha” que servem a Freya.

A característica mais distintiva de Odin, comparado com o temperamento de Thor e a duplicidade de Loki, é sua insaciável curiosidade. Ele busca penetrar o véu escondido do mundo e entender os fundamentos de sua operação e, mais ainda, como manipulá-los. É importante notar que ele não é o guardião deste conhecimento, mas o seu distribuidor, trazendo sabedoria à humanidade. Essa busca por conhecimento aparece em duas ocasiões específicas: os eventos em Mímisbrunnr (o Poço de Mímir) e os eventos descritos no poema *Hávamál* da *Edda Poética*.

De acordo com ambas as Eddas, o Poço de Mímir se localiza ao pé da Yggdrasil, em baixo de uma raiz que passa por Jötunheim, a landa dos Gigantes de Gelo. O Poço era guardado pelo deus Mímir, que foi morto na primordial guerra Aesir-Vanir. Em troca de uma única gota do Poço, Odin arranca seu próprio olho e o coloca no poço.^[19]

O poema *Hávamál* descreve ainda outro sacrifício. Para ganhar maior sabedoria, Odin se sacrifica, pendurando-se em uma árvore e perfurado por uma lança por nove dias e nove noites. Ele faz isso para aprender os segredos dos Nove Mundos, e obtém ou nove ou 18 músicas mágicas (dependendo da versão do conto) e as 18 runas mágicas. Nessa seção do poema, Odin também é o narrador:

“Eu sei que me pendurei em uma árvore ventosa
nove longas noites,
ferido por uma lança, dedicado à Odin,
de mim mesmo para mim mesmo,
naquela árvore da qual nenhum homem ouviu falar
de onde é que vem suas raízes.

Nenhum pão me deram nem bebida de um chifre (copo),
para baixo eu espreitei;
Eu tomei as runas, gritando as tomei,
e então eu caí dali.”



Ilustração do Sacrifício de Odin de W.G. Collingwood (1908)

Outro tema comum das histórias de Odin é sua habilidade de se disfarçar e passar por entre os humanos, gigantes e deuses sem ser reconhecido. Por exemplo, no poema *Hárbarðsljóð* da *Edda Poética*, Odin se disfarça como um barqueiro chamado “Barba Cinza” e debate com Thor a respeito de levá-lo através de um lago. Os dois entram em uma troca ritualizada de poemas, e Odin claramente vence o deus da guerra. Ele também aparece disfarçado em um concurso de poesia com um sábio gigante, e na *Skáldskaparmál 5* da *Edda Prosaica*, ele se disfarça de um trabalhador para roubar o Hidromel da Poesia, que confere o dom da poesia a qualquer um que o beber.

Odin não foi o único deus a se disfarçar para atingir seus objetivos dentre os humanos. Outro deus que favorecia disfarçar sua aparência era o deus grego Zeus, mas Zeus frequentemente utilizava essa habilidade para seduzir lindas mulheres, enquanto que Odin tipicamente a usava para julgar, testar e auxiliar os mortais (e ocasionalmente, outros deuses). Os cristãos e judeus também tem histórias sobre anjos disfarçados chegando em Sodoma e Gomorra para julgar os habitantes das cidades, e Jacó briga com um anjo disfarçado antes de receber a benção da terra de Israel.

Uma das muitas fontes a respeito de Odin, o poema *Völuspá* é sem dúvida uma das obras nórdicas remanescentes mais importantes. Encontrado na *Edda Poética*, é o conto da criação e destruição do mundo. Sua forma é a de uma visão ou profecia de uma vidente (a “völva”), que é chamada por Odin para lhe dizer seu próprio destino. Os eventos do início da vida de Odin, incluindo a morte de Ymir, a criação de Midgard e os eventos no Poço de Mímir, são todos descritos no poema, mas a parte que é de interesse particular são os eventos do Ragnarök.

Um dos elementos sempre fascinantes da cosmologia nórdica é o fato de ser sempre pressagiada em detalhes esmagadores. O fim dos tempos acontecerá em uma imensa batalha chamada “Ragnarök”, um evento traduzido ou como “o Destino dos Deuses” ou (na re-interpretação de Richard Wagner) o “Crepúsculo dos Deuses”. Ademais, esse evento não somente é pressagiado, mas as personagens que participam do drama parecem saber que ele acontecerá. Isso está em linha com a fé germânica no conceito de “fatalismo”. Para os pagãos germânicos, o fatalismo ou destino era uma parte integral da existência humana; ainda que as pessoas não o saibam antes do tempo, suas histórias já estão escritas antes mesmo de seu nascimento, e o mesmo era verdade sobre os deuses. Apesar de parecer que os deuses aceitam seus fins, esse conceito não é o mesmo que o de “destino” do cristianismo (especialmente a predestinação Calvinista), pois os nórdicos acreditaram que o destino podia ser em vezes distorcido e alterado^[20]

Balder, o mais belo de todos os deuses, está destinado a morrer, e sua mãe, Frigg, sabe disso e tenta protegê-lo. Ela faz todas as criaturas e plantas jurarem jamais machucá-lo, exceto o visco. Os deuses se divertem jogando todo tipo de armas e materiais contra Balder, e ele dá de ombros, dando muita satisfação aos seus colegas divinos. Mas o ardiloso Loki engana o deus cego Hoder, fazendo-o jogar um dardo de visco, e Balder é morto.



Ilustração mostra os deuses atirando flechas contra Balder, de Elmer Boyd Smith

Com a morte da beleza e inocência, o Crepúsculo começa. Aí entra o “Fimbulwinter”, três anos de inverno sem fim que assolam a humanidade, causando com que os reinos terrenos guerreiam entre si. As correntes que seguram os monstros do mundo são quebradas, e a Serpente de Midgard, o Lobo Fenris, e o Loki em pessoa constroem um exército de gigantes, monstros e seres infernais para destruir Asgard.

Uma terrível batalha segue, com Odin utilizando todos seus recursos, incluindo todas as almas de guerreiros que ele coletou no Valhalla por séculos. Apesar das preparações, contudo, é o destino de Odin ser morto por Fenris (ou Fenrir) o Lobo, um dos filhos de Loki, que é por sua vez destinado a ser morto por Víðar, um dos filhos de Loki. Thor está destinado a focar suas atenções em seu antigo inimigo: Jörmungandr, a Serpente do Midgard. Sua batalha é épica, e no fim, Thor mata o inimigo com seu famoso martelo Mjöltnir, mas ele é mordido no decorrer do processo, e após a serpente morrer, Thor caminha por apenas nove passos antes de entrar em colapso e sufocar com o veneno do monstro.

A morte de Odin é descrita abaixo no poema:

“Mais uma desgraça atinge [Frigg]
Quando Odin avança para lutar contra o lobo;
O brilhante assassino de Beli batalha com Surt;
E assim caí o amado de Frigg.”

A quantidade de mortos é imensa, incluindo Odin, Thor, Loki e Freya. A árvore do mundo Yggdrasil é queimada, e apenas dois humanos sobrevivem em sua casca.

“A terra afunda dentro do mar, o sol se torna preto,
As estrelas brilhantes tremem no céu,
A fumaça se enraivece, as chamas reclamam,
O céu é arrasado pelo fogo.”

Contudo, o mundo não acabou. Dentre as cinzas nasce um mundo novo e bem mais bonito, onde um Balder ressuscitado governa.^[21]

Apesar de este ser o destino de Odin, o decorrer da batalha não é completamente imutável, e o contexto do poema – a vidente contando a Odin sobre a batalha – não é simplesmente disfarce. É mostrado que Odin tem uma curiosidade contínua sobre a natureza de seu fim, não para escapar dele (pois isso é impossível), mas para alterar os elementos da batalha que darão ao seu lado o melhor resultado possível. Por exemplo, ainda que ele tenha Fenris preso em correntes em um dos mitos, Odin não tenta matar o

lobo naquele estágio. A sabedoria de Odin é expressada por seu desejo de entender o que pode ser mudado e o que não pode, e aí buscar maneiras de alterar o que está sob seu poder.

Enquanto que as Eddas sejam as fontes mais completas de informação sobre como os fiéis de Odin o descreviam a ele e a seus feitos, elas não são os únicos documentos nos quais o deus aparece. Há um número de fontes tradicionais (pré-cristãs).

Uma das melhores é a *Völsungasaga* (Saga dos Völsungs), que é um conto islandês de provável origem da Alemanha continental. Ele narra a história da família Völsung, um clã de heróis incríveis que inclui Sigurd o Matador de Dragões. Odin aparece no decorrer de toda a história, trazendo mágica e sabedoria aos personagens. Em um certo ponto ele aparece no palácio do Rei Völsung disfarçado de um caolho vestindo um capuz e enfia sua espada dentro de uma árvore na área do palácio, declarando “aquele que retirar esta espada do tronco a receberá de mim como um presente, e ele próprio atestará que jamais carregou uma espada melhor que esta”. O filho do rei, Sigmund (outro dos heróis) faz exatamente isso, mostrando que a profecia estava correta. Entretanto, a benção do deus não é eterna, e quando Odin aparece no campo de batalha e quebra a espada de Sigmund, isso leva ao fracasso no combate e eventual morte do herói.^[22]

Outra referência mais obscura que sobrevive vem de um poema anglo-saxão chamado “Encanto das Nove ervas” que diz:

“Uma cobra veio rastejando, ela mordeu um homem.

Então Woden tomou nove galhos de glória,

Batendo na serpente até que ela desfez em nove pedaços.

Ali a maçã trouxe esta passagem contra o veneno,

Tal que ela jamais entraria sua casa.”^[23]

Crê-se que este encanto servia para a criação de um amuleto mágico que continha as nove ervas e era usado como uma forma de proteção de quem o vestisse. Entretanto, a chegada do cristianismo eliminou estas tradições mágicas, e é provável que muitas mais existissem como o Encanto das Nove Ervas durante a era pagã.

A saga Ynglinga promulgou a noção de que Odin era um rei sueco mitológico, mas também tinha um relato similar de sua origem àqueles encontrados nas Eddas: “Odin tinha dois irmãos, um chamado de Ve, outro de Vili, e eles governavam o reino quando ele estava ausente. Ocorreu uma vez quando Odin tinha se distanciado bastante, e estava há tanto tempo longe que o povo de Asa duvidou que ele iria retornar a seu lar, e seus dois irmãos se encarregaram de dividir suas posses; mas ambos tomaram a sua esposa Frigg para si próprios, e Odin logo em seguida retornou ao lar, e retomou sua esposa”. s

Capítulo 3: Adoração de Odin

Historiógrafos cristãos da idade média demonstravam, quando muito, condescendência, e no pior caso, hostilidade, quanto a religiões pagãs. Portanto, ainda que as pessoas conheçam os mitos relacionados a Thor, a teologia engendrada em tais histórias é menos difundida. Sem teologia, as crenças dos nórdicos, bem como de outros grupos pagãos, trazem a aparência de crenças irracionais em histórias fantásticas. E também encobrem as histórias do próprio Thor. Afinal, como poderiam contos como os de Jonas e a baleia ou Jó lutando contra Deus ser entendidos sem o conhecimento da religião Cristã?

O que é evidente é que os deuses nórdicos detinham sérios adoradores e seguidores, e seus sacerdotes e fieis eram tão racionais, espertos e interessados em questões teológicas profundas quanto seus contemporâneos cristãos. De que modo a adoração destes deuses atendeu às necessidades sociais, psicológicas e espirituais de seus seguidores?^[24]

Os mitos nórdicos que sobrevivem e outras fontes providenciam uma rica imagem dos contos que eram compartilhados sobre Odin, mas do mesmo modo que a bíblia não é um guia passo-a-passo para a missa católica ou o culto pentecostal, estes mitos não necessariamente oferecem aos leitores uma compreensão de como como a adoração de Odin acontecia no dia a dia dos nórdicos. Por isso, outras fontes são necessárias, em especial a observação dos rituais por estrangeiros e restos arqueológicos de lugares de adoração.

A principal fonte de informação sobre a religião germânica é do autor romano Tacitus que escreveu *Germania*. Tacitus era um senador e historiador que viveu entre AD 56-117. *Germania* é na verdade uma de suas menores obras, suas obras-primas concentraram-se nos reinos de vários Imperadores. Entretanto, em *Germania* ele olha para o norte a fim de dar aos seus leitores uma descrição básica do estilo de adoração alemão:

“Mercúrio [Odin] é a divindade qual eles adoram principalmente, e em alguns dias eles julgam adequado realizar sacrifícios para ele até mesmo de vítimas humanas. Hércules [Thor] e Marte [Tyr] eles agradam com oferendas

válidas. [...] Os Germânicos, entretanto, não consideram consistente com a grandeza de seres celestiais confinar seus deuses entre paredes, ou os dar a aparência de humanos. Eles consagram seus deuses nas florestas e bosques, e aplicam nomes de divindades à abstração que eles veem apenas na adoração espiritual.

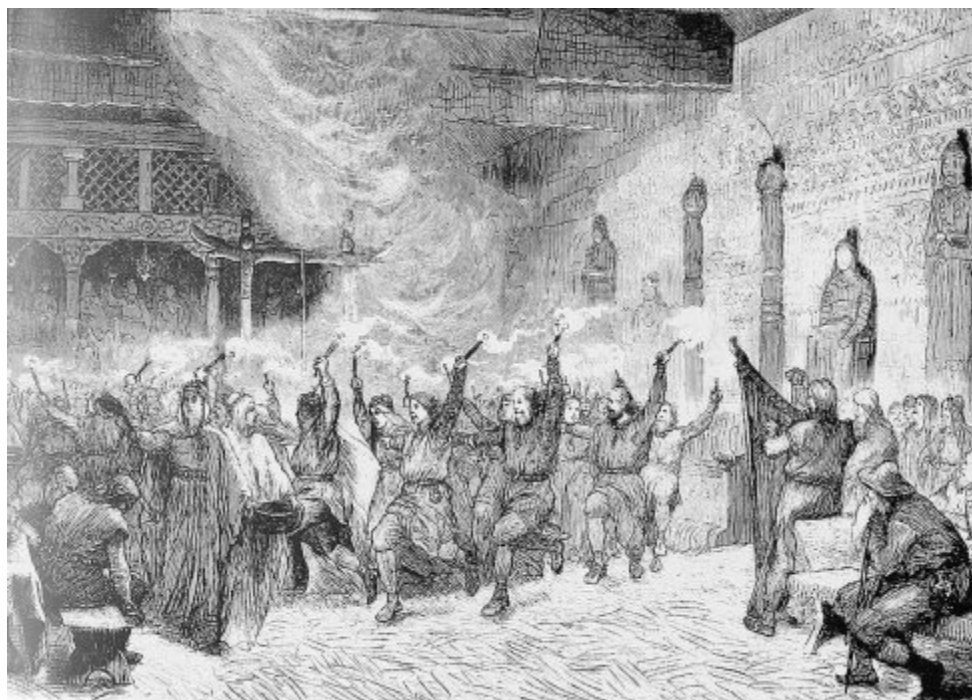
Tacitus então segue descrevendo o uso de adivinhação rúnica (apesar de não utilizar a palavra “runa”):

Um pequeno ramo é arrancado de uma árvore frutífera, e cortado em pequenos pedaços; esses se distinguem por pequenas marcas, e são arremessados livre e aleatoriamente sobre um tecido branco. Em questões públicas os sacerdotes do estado particular, e em privado o pai da família, invocam os deuses, e, com seus olhos para os céus, levanta cada pedaço três vezes, e encontra neles um significado de acordo com a marca anteriormente gravada neles. [...] eles também estão acostumados com a prática de consultar as notas e voos dos pássaros. É peculiar deste povo buscar presságios e admonições de cavalos. Mantidos com verbas públicas, nestas mesmas florestas e bosques, estão cavalos brancos puros das marcas do trabalho terreno [e usados para adivinhação].^[25]

Vale notar que, devido à sua posse de Sleipnir, Odin era ele próprio associado com cavalos e podem ter tido uma conexão com sua prática de adivinho.

A cerimônia principal para Odin e outros deuses nórdicos era a “Blót”. Tacitus refere-se a sacrifícios humanos, que podem ter ocorrido, mas as fontes romanas e cristãs também tinham motivos para inventar ou exagerar tais eventos a fim de apresentar a sua conquista militar ou cultural destes povos por um prisma melhor. Restos arqueológicos das cerimônias da blót são escassos, mas recentemente alguns argumentaram que “casas de blót” construídas por fazendeiros na Islândia para o uso de suas famílias foram encontrados.^[26] Em circunstâncias mais formais, blóts eram realizadas em grandes templos construídos para os deuses.

Durante esses rituais, praticantes sacrificavam algum tipo de animal, e de acordo com fontes cristãs, ocasionalmente também sacrificavam humanos. Eles então abençoavam as premissas com o sangue das oferendas sacrificiais. O animal seria então cozinhado e consumido. O animal era visto como uma encarnação da divindade, e, portanto, o blót possuía elementos da cerimônia de comunhão. Tradutores da antiguidade cristã nas regiões nórdicas usaram termos e conceitos destas cerimônias para descrever a eucaristia cristã, de tal modo que os dois rituais podem ter tido uma certa similaridade.. [27]



19th century depiction of a blót

Blóts eram uma parte tão central da vida que os antigos anglo-saxões nomearam o mês de novembro como “blótmónað”, e como foi notado por um escritor em inglês antigo, “O mês é chamado em latim de novembro, e em nosso idioma de mês do sangue, pois nossos ancestrais, quando eram pagãos, sempre sangravam neste mês, isso é, eles iam e devotavam a seus ídolos o gado que desejavam oferecer”. Snorri ainda escreveu uma anedota sobre as pessoas insistirem em realizar blóts contra a objeção de seu governante cristão, e até mesmo fazendo o rei cristão participar:

“Era um antigo costume, que quando um sacrifício fosse ocorrer, todos os bondis (homens livres) deveriam vir ao local

onde estava o templo e trazer com eles tudo que precisassem por enquanto o festival durasse. Todos os homens traziam consigo cerveja para este festival; todos os tipos de gado, bem como cavalos, eram abatidos, e todo o sangue que saia deles era chamado “hlaut”, e os vasos onde era coletado se chamavam vasos-hlaut. Varas de hlaut eram confeccionadas, como arbustos salpicados, com os quais todos os altares e paredes do templo, dentro e fora, eram borrifados, e também as pessoas eram borrifadas com sangue; já a carne, era fervida para servir de alimento aos presentes. O fogo ficava no meio do piso do templo, e sobre ele estavam penduradas as caldeiras, e os cálices cheios eram passados através do fogo; e aquele que organizou o banquete, e era um chefe, abençoava os cálices cheios, e toda a carne do sacrifício. E primeiro o cálice de Odin foi derramado para a vitória e poder de seu rei; depois, os cálices de Niord e Freyja para a paz e uma boa temporada. Então era o costume de muitos de esvaziar o cálice; e os hóspedes esvaziavam seus cálices em memórias de amigos falecidos, ao qual se dava o nome de cálice da memória”.

Outra saga relatava a história da ilha báltica de Gotland discutia uma blót que aconteceu lá:

“Antes de esta época, e há muito tempo atrás, eles acreditavam em bosques e sepulturas, santuários, e invólucros sagrados e nos deuses pagãos. Eles sacrificavam seus filhos, filhas e gado, e praticavam blót com comida e bebida. Isso eles faziam devido à sua superstição. O país inteiro (chamado de althing) tinha a maior blót com sacrifício de pessoas, do contrário, toda tribo tinha sua blót e things menores tinham blóts menores com gado, comida e bebida. Eles todos se chamavam irmãos de comida ou de cozinha, pois preparavam suas refeições juntos.”

O ato do sacrifício era visto como uma forma de presente aos deuses, e a teoria antropológica demonstrou que em sociedades que enfatizam a entrega

de presentes, o ato de dar um presente cria e reforça laços sociais de reciprocidade. A troca de presentes entre os nórdicos era a fundação do relacionamento entre senhor e subordinados e entre os membros de famílias. A troca de presentes era central no relacionamento entre reis e súditos: por exemplo, no poema saxão Beowulf, o rei Hroðgar é descrito como um “doador de anéis” e o “doador de ouro”, e no poema vários presentes são dados e descritos em enorme detalhe. Isso não era apenas restrito aos humanos, já que há numerosos exemplos dentre os mitos nórdicos de deuses dando e recebendo presentes, incluindo quando Thor recebe Mjöltnir e Odin recebe a lança Gungnir.^[28]

Portanto, leitores não devem enxergar a troca de presentes das cerimônias de blót como uma forma de “suborno” ou “compensação” por serviços, mas sim como uma versão divina de uma tradição abrangendo toda a sociedade onde a troca de presentes era vista como sendo de enorme importância. Isso tinha a ver com a criação de um relacionamento entre deus e humano, e com o humano providenciando sustância ao deus. Em mitos nórdicos, os deuses, especialmente Odin, participavam frequentemente dos maiores banquetes.

Parece que haviam muitos lugares onde blóts podiam ser realizadas, já que há relatos de grandes templos (tais como os da cidade sagrada de Uppsala), eventos familiares íntimos em casas de blót na Islândia, e exemplos de bosques sagrados, tais como o que era dedicado a Donar (Thor) que foi destruído por São Bonifácio em Hesse na década de 720 d.c.. Essa variação demonstra que a religião nórdica não era uma instituição monolítica, mas detinha muitas variações. Nos reinos centrais e poderosos da Suécia e Dinamarca, a adoração e as blóts ocorriam em grandes templos sob o patrocínio da realeza e frequentemente próximo a cemitérios reais. Em forte contraste, na Islândia, que era republicana e igualitária, a blót ocorria em uma estrutura humilde à serviço de famílias agrárias isoladas.

Uma das principais diferenças entre paganismo germânico e o cristianismo é o relacionamento com os órgãos do governo. A tradição cristã surgiu dentro do contexto do Império Romano, uma área do mundo conhecida por seus governantes escolhidos pelos deuses. Além dos divinos césores, essa lista também incluía os faraós egípcios, reis judaicos ungidos

por deus, e reis da mesopotâmia. Ainda que Roma tenha sido formada como uma república, a ascensão dos Césares levou ao desenvolvimento da imagem do imperador déspota e com poderes totais, de modo que quando o império foi do politeísmo pagão ao cristianismo monoteísta, a teoria jurídica ligando um Deus ao Império e a um Imperador (no modelo dos reis ungidos de Israel) veio à proeminência. Isso substituiu a propensão anterior de tratar o Imperador Romano como um deus encarnado; o modelo autoritário do monarca cristão foi desenvolvido pelos imperadores romanos tardios se tornou uma meta admirada (ainda que nem sempre atingida) de seus sucessores por séculos seguintes. ^[29]

Por outro lado, as tribos germânicas, incluindo não somente os nórdicos, mas também germânicos continentais, como os godos e os anglo-saxões, tinham um modelo diferente de governança, um que também fazia sentido dentro do seu entendimento do sagrado. Os seus governantes, inicialmente chamados de “reis” e “duques” pelos romanos que não possuíam outras palavras com as quais descrevê-los, eram líderes militares cujo poder era entendido de maneira completamente secular. Esses líderes governavam com o consentimento dos governados, e má administração tipicamente acarretava a perda do poder para um rival. Um governante bem-sucedido era, acima de tudo, um líder militar capaz de trazer glória e espólios aos seus seguidores e protegê-los da depredação de outrem. Entretanto, até mesmo um líder estava limitado pelo poder da Thing, um ajuntamento dos homens livres dos reinos. O historiador romano Tacitus descreveu uma de suas reuniões:

“Os chefes deliberavam sobre assuntos corriqueiros, e sobre assuntos mais importantes, a tribo inteira. Porém, mesmo quando a decisão final está nas mãos do povo, o assunto é sempre profundamente discutido pelos chefes. Eles se juntam, exceto no caso de uma emergência repentina, em certos dias fixos, ou na lua nova ou lua cheia [...] A sua liberdade tem essa desvantagem, que eles não se encontram simultaneamente ou quando são requeridos, já que dois ou três dias são desperdiçados nos atrasos de organizar o encontro. Quando a multidão julga adequado, eles se sentam armados. Silêncio é proclamado pelos sacerdotes, que nessas

ocasiões detêm o direito de manter a ordem. Então o rei ou chefe, de acordo com idade, nascimento, distinção na guerra, ou eloquência, é escutado, mais por ter a influência de persuasão do que pelo seu poder de comandar. Se seus sentimentos desagradam às pessoas, eles os rejeitam com murmúrios; se eles estão satisfeitos, eles balançam suas lanças. [...] ^[30]

Esse sistema de governo ecoava, era influenciado e representava um reflexo das crenças religiosas desses povos. Seus deuses não eram seres oniscientes ou onipotentes que legislavam ou executavam punições eficientes, mas sim guerreiros cujo propósito primário era a defesa do reino contra inimigos monstruosos. Eles não criaram o mundo, e nem o governam por inteiro; em vez, apenas recortaram uma parte dele ao derrotar ou emprisionar seus inimigos. Ademais, eles são governados por suas leis, incluindo a mais importante lei do Destino, da qual nem eles podem escapar.

A adoração desses deuses, portanto, tomou um caráter diferente daquela adoração cristã de um deus onipotente. Esses deuses eram protetores e intercessores em um mundo perigoso. No contexto de uma natureza implacável, guerras frequentes, e os perigos de ganhar a subsistência em um mar inconstante, provavelmente não é de se surpreender que o conceito de um deus amoroso e onipotente não foi uma corrente desenvolvida dentre estes povos germânicos.

O homem ou mulher nórdico preparando um presente para o maior rei de todos – Odin – o fazia esperando que Odin lhe aceitasse como parte de seus seguidores. Era um ritual de abertura feito na esperança que a proteção de Odin se estenderia à sua família, e era um ato que era visto como apropriado para um rei (fosse ele humano ou divino). Havia grandes variações desse ritual básico, tanto quanto o ritual da comunhão varia consideravelmente entre comunidades cristãs.

Capítulo 4: Misticismo Nórdico e Odin

Todas as religiões sofisticadas possuem dois elementos: rituais de superfície populares (tais como a blót e contos das aventuras de Thor) no qual membros da sociedade como um todo podem participar, e um conhecimento místico secreto que serve para ajudar os fiéis mais sérios a explorar a natureza do universo e o lugar que ocupam dentro dele. Os dois são sempre entrelaçados; por exemplo, a missa católica é realizada diariamente para milhões de fiéis e serve como o centro de uma busca por maior significado espiritual que já existe há dois milênios. Isso também era o caso com o paganismo nórdico, tendo em vista que os contos dos deuses e os atos da blót serviam para demonstrar um conhecimento mais profundo da realidade.

Historiadores cristãos que são a fonte de muito do conhecimento detido a respeito do paganismo nórdico não dão aos leitores contos místicos, já que isso estava indisponível para eles ou eles preferiram não promover uma teologia rival pagã. Uma coisa é descrever rituais pagãos aos seus superiores em Roma, ou fazer um registro de histórias folclóricas em decadência, outra coisa é aprender o suficiente sobre a teologia de uma religião de um rival e ser capaz de descrever seus segredos místicos.

Dentre os deuses do panteão de deuses nórdicos, Odin é o padrinho supremo dos elementos místicos da adoração nórdica e foi provavelmente visto como um modelo inspirador para aqueles que buscam o conhecimento, incluindo místicos e profetas. É interessante que dentre as grandes façanhas de Odin, a criação de Midgard e da espécie humana não parecem ser categorizados entre os mais difíceis. Certamente, ele teve de batalhar contra Ymir e trabalhar na criação do mundo, mas ele parece não ter tido de sacrificar nada. Contudo, em duas ocasiões, Odin faz sacrifícios incríveis em troca de conhecimento: arrancar um de seus olhos no poço de Mímir e permanecer morto por nove dias. A moral da história parece ser que o conhecimento da arquitetura subliminar do universo e o caminho do destino custam caro até mesmo para os deuses, mas são talvez de maior valor que qualquer outra coisa no mundo material.

Uma diferença fundamental entre Odin e o Jeová cristão é que enquanto que Odin criou a Terra, ele não criou o Universo. Odin não é a “razão de

tudo”, e, portanto, ele não compreende todos os seus segredos. Ele não é nem onipotente nem onisciente, e há uma estrutura do universo que ele não é capaz de alterar. Essa estrutura inclui obviamente seu próprio destino, mas também regras sociais tais como as obrigações criadas pela troca de presentes ou por ser um anfitrião; há histórias onde ele é forçado por conta das circunstâncias a hospedar seus próprios inimigos, os gigantes de gelo.

Assim sendo, Odin é uma figura que parece servir de modelo para a realeza e paternidade, duas ideias fortemente associadas. Odin é imensamente forte e incrivelmente sábio, mas ainda assim comete erros. Ele pode ser desafiado, como é demonstrado na Saga dos Völsungs, mas ele vai eventualmente morrer. Odin é um ideal para o qual os humanos podem almejar, não um poder absoluto como Jeová.

Outro elemento da sabedoria secreta parece ser a importância dos números, em especial dos números 3 e 9. Estes, aparecem repetidas vezes nos contos nórdicos. Os saxões tinham seu Encanto das Nove Ervas, e um poema nórdico ainda intacto *A Trollkryka* descreve os nove tipos de madeira queimados durante a blót.^[31] Ademais, o observador cristão Adam de Bremen afirmou que pagãos suecos se reuniam no Templo de Odin (que Snorri dizia ser o local de enterro do Odin histórico) uma vez a cada nove anos para uma cerimônia e festival que duravam nove dias.^[32] Na *Edda Poética*, o poema *Grímnismál* conta a história de quando Odin se disfarçou e foi aprisionado por oito dias, contando a seus captores sobre a natureza e a história dos nove mundos, e enfim revelando sua identidade e libertando-se no nono dia.

Apesar do uso e significado exato do três e nove terem se perdido com o tempo, é óbvio que eram números de enorme importância e fortemente relacionados à Odin. É provável que fossem utilizados em alguma forma de adivinhação, já que um dos temas diz que após nove repetições ou nove períodos de tempo, a sabedoria a respeito da natureza da realidade é revelada. As frequentes aparições destes números mostram um sistema de crenças ou uma conexão com o número que pode ter sido inserida nestes contos por um motivo. Em outras palavras, pessoas familiarizadas com a importância do número 9 devem ter entendido a razão implícita do porquê Thor anda esse número de passos antes de morrer no conto do Ragnarök, ou

porquê Odin permanece morto por nove dias para aprender os segredos dos nove mundos, que vêm na forma de nove (ou dezoito) canções e dezoito runas mágicas.

O mundo no qual habitam as pessoas – Midgard – foi criado por Odin, mas parece ser um nível de superfície sob o qual o turbilhão caótico original de gelo e fogo ainda existe. Esse vazio de energias criativas e destrutivas, Ginnungagap, foi a fonte do conhecimento que Odin absorveu no Poço de Mímir. A interpretação psicológica do mito nórdico interpreta a Ginnungagap como o subconsciente mental e Midgard como o consciente, com Odin (e a metáfora do Poço junto com o Hidromel da Poesia) como o mediador que ao mesmo tempo protege Midgard/consciência do caos destrutivo, mas também permite a sabedoria e poder de se infiltrarem para cima em montantes controlados. O dom de Odin para a profecia, executado por videntes e talvez xamãs, era simultaneamente perigoso e poderoso.

Uma ferramenta descoberta por Odin após os nove dias que passou morto e depois compartilhou com a humanidade foi a das Runas. As runas são alfabetos (houveram inúmeras variedades ao decorrer da história) que foram criadas para escrever línguas nórdicas e outras línguas germânicas, e foram aos poucos substituídas pelo alfabeto latino (apesar de não completamente, já que islandês utiliza caracteres derivados das runas). Além de seu uso nas escritas e na criação de calendários, as runas também eram vistas como detendo um significado mágico e eram gravadas em objetos como espadas e bastões. A adivinhação descrita por Tacitus envolvendo o lançamento de gravetos de madeira entalhados em um pano branco era sem dúvidas uma descrição de um dos usos mais frequentes das runas: a adivinhação. Neste sentido, o padrão das runas poderia de fato ser “lido” e interpretado para prever o futuro. Esse é um ótimo exemplo da aplicação prática dos ensinamentos místicos de Odin para revelar o lado escondido de eventos aparentemente aleatórios do mundo comum. Cada runa tinha um nome, e um número de associações místicas, e adivinhos interpretariam seu significado baseando-se em suas posições e relacionamentos. ^[33]



Inscrições em uma pedra rúnica encontrada na Dinamarca: “Que Thor santifique estas runas!”

No fim, ninguém vai jamais saber com certeza de que modo os antigos interpretavam suas runas, ou quais formas de conhecimento secreto foram empregadas nos contos de Odin e outros deuses. O que se sabe é que os nórdicos possuíam este tipo de conhecimento, e que alguns básicos contornos dele ainda podem ser encontrados. No cerne deste conhecimento está Odin e a sabedoria que ele adquiriu a um enorme custo.

Capítulo 5: Declínio da Fé Nórdica

O cristianismo e o paganismo nórdico coexistiram lado a lado por muitos séculos na Europa, e essas outras religiões pagãs fizeram sérias entradas na Europa após a queda do Império Romano. Cristãos foram deslocados na Gália (atual França), Bretanha e outros lugares, e os vikings nórdicos saquearam monastérios e vilarejos cristãos em toda a costa europeia desde o século VIII ao XIII. Entretanto, por volta dos séculos X e XI, o cristianismo estava em ascensão e outras religiões em declínio no norte Europeu.

Não obstante, crenças pagãs no Norte não desapareceram imediatamente, e nem sem uma boa briga. Parece que ao fim do século XI, as crenças pagãs passaram por uma renascença final na Suécia. Um dos últimos grandes centros de paganismo nórdico era a Antiga Uppsala, que possuía três grandes sepulturas que sagas medievais associavam aos deuses nórdicos:

Assim foi estabelecido por ele (Odin) em lei que todos os homens mortos devem ser queimados, e seus pertences colocados sobre a pira, e as cinzas lançadas dentro do mar ou enterradas na terra. Assim, disse ele, cada um virá ao Valhalla com as riquezas que tinha consigo na pilha; e ele também iria também desfrutar o que quer que ele mesmo tivesse enterrado na terra. Para homens de importância um monte deve ser levantado em sua memória, e para todos os outros guerreiros que se distinguiram por bravura uma pedra ereta; o qual costume perdurou muito além do tempo de Odin. [...] A sua fé dizia que quanto mais alto a fumaça subisse no ar, mais alto seria elevado aquele de qual a pira fosse; e tão mais rico ele seria, quanto mais propriedade fosse consumida junto dele.” (Saga Ynglinga)



Os “Montes Reais”

A importância da Antiga Uppsala também foi descrita pelo Arcebispo cristão de Hamburgo, Adam de Bremen, em cerca de 1075-1080 d.c.:

“Agora vamos dizer algumas palavras sobre as superstições dos suecos. Aquele povo tem um templo muito famoso chamado Uppsala [...] Neste templo, inteiramente enfeitado de ouro, o povo adora estátuas de três deuses de tal forma que o mais poderoso deles, Thor, ocupa um trono no meio da câmara; Wotan e Frikko tem seus lugares aos seus lados. A significância destes deuses é como segue: Thor, eles dizem, preside sobre o ar, que governa o trovão e o raio, os ventos e chuvas, o bom tempo e as plantações. O outro, Wotan – isso é, o Furioso – conduz a guerra e dá ao homem força contra seus inimigos. O terceiro é Frikko, que traz paz e prazer aos mortais. Sua imagem, também, eles moldam com um imenso símbolo fálico. Mas Wotan eles armaram com um cinzel, bem como nosso povo costuma representar Marte. Thor com seu cetro aparentemente lembra a Jove. O povo também adora a heróis transformados em deuses, os quais foram dotados de imortalidade por conta de suas façanhas incríveis...

“Próximo ao templo está uma árvore muito grande com galhos espalhados que estão sempre verdes tanto no inverno quanto no verão. Ninguém sabe qual é o tipo da árvore. Há também uma fonte de água onde os pagãos costumam realizar sacrifícios e a submergir um humano vivo. Contanto que seu corpo não seja encontrado, a solicitação das pessoas será

atendida. Uma corrente dourada circunda o templo e está pendurada sobre os frontões da construção. Aqueles que se aproximam veem seu brilho desde longe porque o santuário, que está localizado em uma planície, é circundado por montanhas situadas de tal modo que dão o efeito de um teatro. Durante nove dias banquetes e sacrifícios deste gênero são celebrados. Todo dia eles sacrificam um ser humano além de outros animais, de tal modo que em nove dias há 72 vítimas sacrificadas. Esse sacrifício ocorre por volta do equinócio vernal.

“Um festival geral para todas as províncias da Suécia é habitualmente realizado em Uppsala a cada nove anos. A participação neste festival é um requerimento para todos. Reis e seus súditos, coletivamente e individualmente, enviam seus presentes para Uppsala; e – uma coisa mais cruel do que qualquer punição – aqueles que já adotaram o cristianismo pagam para escapar destas cerimônias. O sacrifício é como segue; de cada tipo de criatura masculina, nove vítimas são ofertadas. Através do sangue dessas vítimas costuma-se apaziguar os deuses. Os seus corpos, ademais, são pendurados em um bosque que é adjacente ao templo. Esse bosque é tão sagrado para o povo que árvores individuais dentro dele são tidas como sagradas por conta da morte ou putrefação das vítimas sacrificiais. Há até mesmo cães e cavalos pendurados ao lado de seres humanos. (Um certo cristão contou-me que tinha visto setenta e dois de seus corpos pendurados juntos). As encantações, contudo, que são geralmente cantadas na performance da oferenda de bebidas desse gênero são numerosas e vergonhosas, e é melhor não falar delas. ^[34]”

Enquanto que Adam de Bremen pode não ter sido uma figura neutra, não há motivo ou razão que justificaria ele inventar a dominância de Thor no templo da Antiga Uppsala. Seus registros são evidência da posição que Thor ocupava no século XI, quando ele veio a superar a importância de seus pais, Odin e Freya, para com os fiéis. Isso pode ter acontecido por que

conforme a comunidade pagã foi pressionada pelos avanços do cristianismo, a franqueza e agressividade confiante de Thor eram um apoio mais atraente do que a sabedoria esotérica e camadas de simbolismo associados com Odin. Conforme as pessoas se distanciavam dos ensinamentos de Odin, provavelmente tornou-se cada vez mais difícil para aqueles com aptidões místicas encontrarem professores. Os nórdicos dependiam fortemente da transmissão oral de seus conhecimentos e frequentemente operavam ao ar livre, não em templos fechados. Assim sendo, a transmissão direta de geração a geração parou, e com o tempo o conhecimento se perdeu. Eventualmente, também foi perdida a possibilidade da fé nórdica de competir intelectualmente com o cristianismo.

É possível que a *Edda Poética*, que foi escrita durante os estágios finais do declínio da fé, teve como intenção ser um texto comparável à bíblia cristã. Talvez, de forma mais dramática, tenha ocorrido uma restauração da realeza nórdica com base no local principal de peregrinação de Uppsala no centro da Suécia, envolvendo a construção de um impressionante templo dedicado aos deuses Odin, Thor e Frigg.^[35] A última vitória em batalha a ser atribuída ao deus foi a Batalha de Lena em 1208, na qual os suecos empurraram os dinamarqueses para fora de sua terra e alegaram ter visto Odin liderando o ataque.^[36]

Por fim, não foi suficiente. Ao século XI, a Europa Continental estava em ascensão. O ano de 1066 trouxe a invasão normanda da Bretanha saxã, e o século XI em geral foi uma época de prosperidade e poder no continente conhecido como a Alta Idade Média. Sistemas políticos baseados no cristianismo, como o feudalismo, serviam para primeiramente repelir ataques nórdicos, e por fim acabaram a criar raízes na própria Escandinávia. Os reinos cristãos baseavam-se em suposições, rituais e sistemas legais fundamentalmente divergentes dos pagãos, e o enfraquecimento do sistema germânico de governo também levou ao declínio da fé pagã. No geral, os reinos cristãos eram mais autocráticos, mais centralizados e conferiam mais poder à coroa e à nobreza, dessa forma destituindo a plebe de muitos de seus direitos tradicionais. É claro, reis escandinavos almejando competir com aqueles da França e Alemanha sentiram-se atraídos por essas inovações legais e religiosas também.^[37]

Em termos religiosos, há uma forte diferença entre a compreensão do mundo encontrada no paganismo daquela do cristianismo. Talvez mais adequado a uma terra de invernos duros e longos, e mares frequentemente tempestuosos, os pagãos viam o universo como misterioso e fora do controle completo de qualquer um, até mesmo dos deuses. Enquanto que os deuses nórdicos morrem no final, eles não o fazem como um sacrifício para o mundo ou uma escolha, mas porque é seu destino imutável fazê-lo. A morte de Odin é a realização de seu propósito.^[38]

Em contraste, Jeová é um deus onipotente e onisciente que criou tudo e governa tudo. Os nórdicos provavelmente não se perguntavam o porquê de coisas ruins acontecerem a pessoas boas, pois eles entendiam que apesar das melhores intenções, os deuses não podem proteger a tudo e todos. Por sua vez, cristãos ficam em conflito com esta mesma ideia, já que Deus é todo-poderoso. Cristãos acreditam que Cristo sacrificou-se para renovar o mundo – um ato que na superfície parece com a morte e ressurreição de Balder – mas seu ato foi uma decisão consciente. Na verdade, ele parece ter estado em conflito com essa decisão durante suas horas finais.

É difícil saber exatamente como essas diferenças ressoaram junto aos nórdicos pagãos. Ainda que alguns certamente se converteram por conta de uma verdadeira fé, é provável que muitas “conversões” eram irresolutas ou de curta duração, e que a conversão completa da região inteira foi um processo lento. Apesar do paganismo tradicional ter cessado de existir como uma religião de comunidade em algum ponto entre os séculos XI e XII, o cristianismo demorou para tomar raízes no Norte e deixou para trás muitos rastros do folclore popular, bem como na imaginação criativa das pessoas.

A maioria das crenças populares difundidas sobre Odin desapareceram no decorrer dos séculos, mas ele continua a ser lembrado hoje, às vezes sem se notar. O nome “Wednesday” (quarta-feira, em inglês) é derivado do antigo saxão, “Dia de Odin”. Nas ilhas Orkney ao norte da costa escocesa, crenças em Odin perduraram por mais tempo que em outras áreas. Muitos lugares foram nomeados em honra do deus, e até o século XIX havia uma pedra ereta tradicionalmente dedicada ele. Odin era considerado o padrinho dos juramentos, e essa tradição continuou em Orkney. Participantes apertavam as mãos uns dos outros através de um buraco na pedra e

recitavam um juramento cujas palavras agora foram perdidas no tempo, mas em uma balada das ilhas, diz-se que dois amantes se encontravam:

“An swore bae him dat hang on tree' to marry her He
bragged near and far he won his wife bae Odin's Aith” (“E
jurou a ele que pendurado na árvore para casá-la Ele gabou-
se perto e longe que ganhou sua esposa pelo Juramento de
Odin”)

A referência “a ele que pendurado na árvore” parece ser uma indicação da história que Odin passou nove dias pendurado na Yggdrasil para ganhar a sabedoria. Esse evento parece também ser relacionado em uma rima tradicional das ilhas: "Nine lang nichts i' da nippin rime,/Hange he dare wi' naked limb" ("Nove longas noites no dilacerante frio, Ele se pendurou lá com membros desnudos").^[39]

Um pedaço de folclore de Odin que sobreviveu até dias relativamente recentes foi aquele da Caçada Selvagem. Uma crença encontrada ao redor da Europa, a Caçada Selvagem é uma horda fantasmagórica de homens, cavalos e cães que corre em fúria pelos céus e às vezes aterrissa em áreas isoladas. Ela sempre tem um líder bem conhecido, e observá-la é um terrível presságio que dias sombrios estão por vir. Apesar da história da Caçada variar com o tempo e lugar, Odin é um dos seus líderes mais antigos e é encontrado em toda o Norte da Europa^[40]. Isso pode estar ligado aos papéis de Odin como o deus do vento, da guerra, dos mortos e dos presságios e profecias. Talvez por causa de sua aparência demoníaca, a crença sobreviveu mesmo após a cristianização da Escandinávia.

Odin também apareceu ocasionalmente na cultura popular do século XX, e essa é uma das razões pelas quais ele ainda é relativamente bem conhecido na esfera de língua inglesa do mundo. Seu filho, Thor, foi o personagem principal em uma série de história-em-quadrinhos da Marvel, mas Odin e outros deuses também aparecem como coadjuvantes, incluindo no filme *Thor* (2011). Odin também é um personagem proeminente na série de óperas de Richard Wagner, *Der Ring des Nibelungen* (*O anel de Nibelung*), onde ele é conhecido como Wotan. A obra de Wagner é vagamente baseada em mitos nórdicos e germânicos.

Uma figura moderna baseada em Odin que foi popularizada é o personagem de Gandalf presente em *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien. Tolkien foi um estudioso da mitologia germânica antiga, e, portanto, a conexão não é surpreendente. Gandalf era um ser imortal e quase divino que viajava pela Terra Média como um velho em vestes cinzas, um chapéu de abas largas e uma bengala. Gandalf trazia ajuda e sabedoria às boas pessoas do livro. Através de Gandalf, este estereótipo criou uma vida própria em muitas áreas da ficção fantástica dos séculos XX e XXI.

Outro acontecimento do século XX foi o retorno do paganismo organizado, que é muitas vezes chamado de “Odinismo” apesar de consistir na adoração do panteão nórdico inteiro. Ainda que houvesse algum interesse sobre paganismo na Alemanha nazista, o primeiro grupo a tentar um sério renascimento fora deste contexto foi, adequadamente, um grupo islandês. Chamado Ásatrú (“Fé nos Aesir”), eles começaram nos 1960 e rapidamente expandiram no Norte da Europa. O maior grupo de “Neopagãos” nos Estados Unidos é conhecido como o Troth, um dissidente da Assembléia Popular Ásatrú que é bem conhecido por sua pesquisa histórica. Outros grupos incluem o Rito Odínico e Theodismo na Grã-Bretanha. Estes grupos tentam reconstruir a tradição blót, bem como uma tentativa mais ambiciosa de reconstruir a tradição mística de adivinhação que chamavam “Seiðr”. Muitos até adornam-se com pingentes de Mjöltnir.

Um grupo especialmente interessante é a Irmandade de Odin. A Irmandade alega ser descendente direta do paganismo tradicional, que foi forçado a se praticar às escondidas no século XV e apenas ressurgiu ao olhar público. Saudando a Odin acima de todos, eles promovem os valores de “conhecimento, liberdade e poder”, todos os quais teriam sido bem conhecidos aos seguidores históricos de Odin.^[41] Em particular essas pessoas buscam desvendar o “Mistério da Árvore”, termo que usam para o conhecimento místico codificado no número três (e seus múltiplos) em contos de Odin.

Bibliografia

- Ellis Davidson, H. R. (1975). *Mitologia Escandinava*. Paul Hamlyn.
- Dumézil, Georges (1973). *Deuses dos Antigos Nórdicos*. Imprensa da Universidade da Califórnia.
- Greg, Robert Philips (1884). *Do Significado e Origem da Fylfot e Suástica*. Westminster: Nichols and Sons.
- Hollander, Lee Milton. (Trans.) (2007). *Heimskringla: História dos Reis da Noruega*. Imprensa da Universidade do Texas.
- Grimm, Jacob (James Steven Stallybrass Tradução) (1882). *Mitologia Teutônica: Traduzido da quarta edição com Notas e Apêndice por James Stallybrass, volume I*. Londres: George Bell and Sons.
- Lindow, John (1978). *Contos Populares e Lendas Suecas*. Imprensa da Universidade da Califórnia.
- MacLeod, Mindy; Mees, Bernard (2006). *Amuletos Runicos e Objetos Mágicos*. Boydell Press.
- Orchard, Andy (1997). *Dicionário de Mitos e Lendas Nórdicas*. Cassell.
- Reynolds, Richard (1994). *Super Heróis: Uma Mitologia Moderna*. Imprensa da Universidade do Mississippi.
- Sawyer, Birgit (2003). *As Pedras Rúnicas da Era Viking: Costume e Comemoração no Começo da Idade Média Escandinava*. Imprensa da Universidade de Oxford.
- Turville-Petre, E. O. G. (1964). *Mito e Religião do Norte: A Religião da Antiga Escandinávia*. Londres: Weidenfeld and Nicolson.

-
- [1] Texto disponível em: <http://www.sacred-texts.com/neu/pre/pre04.htm>
- [2] *Patterns in Comparative Religion* (1974) by Mircea Eliade
- [3] "Euvemerismo: Uma interpretação Medieval do Paganismo Clássico", John Daniel Cooke, no periódico *Speculum*, Vol. 2, No. 4, Out., 1927, p. 397
- [4] "Saxo Grammaticus" (2012). Na *Enciclopédia Britânica Concisa*. Retirado em http://www.credoreference.com.libezproxy2.syr.edu/entry/ebconcise/saxo_grammaticus
- [5] "Odin" em *Deuses, Deusas e Mitologia VI*, Littleton, C. Scott (ed.) (2005) pp. 1029
- [6] "Culto Imperial." (1999). Em *Antiguidade Tardia: Um Guia para o Mundo Pós-Clássico*. Retirado de http://www.credoreference.com.libezproxy2.syr.edu/entry/hupla/imperial_cult
- [7] "O Antigo Deus Nórdico Óðr" de Hollander, L.M. (1950) no *Jornal de Filologia Inglesa e Germânica* pp 304-308
- [8] "Agosto – Um Mês de ‘Loucura’ na Irlanda" (2002) de Stevens, Peter F. no *The Boston Irish Reporter* 13:8 pp 20.
- [9] *A Integração de Mercúrio e Lugus: Mito e História no Final da Era do Ferro e Início da Gália Romana* (2004) de Ovist, Krista L. Tese de Doutorado enviada à Universidade de Chicago.
- [10] Uma cópia completa e comentada das Eddas pode ser encontrada no Projeto Gutenberg: <http://www.gutenberg.org/files/14726/14726-h/14726-h.htm>; *Comentário da Edda Prosaica* de Gamall Steinn. Acessado online em <http://gamall-steinn.org/text/proseedda.pdf>
- [11] Uma cópia completa com comentários das Eddas pode ser obtida no Projeto Guttenberg: <http://www.gutenberg.org/files/14726/14726-h/14726-h.htm>
- [12] Uma cópia completa com comentários das Eddas pode ser obtida no Projeto Guttenberg <http://www.gutenberg.org/files/14726/14726-h/14726-h.htm>
- [13] Texto disponível em: <http://www.sacred-texts.com/neu/pre/pre04.htm>
- [14] "Odin" de *Dicionário da Mitologia*, acessado online em <http://www.mythologydictionary.com/odin-mythology.html>
- [15] "Sleipnir" e "Grane" no Dicionário da Mitologia, <http://www.mythologydictionary.com/norse-mythology.html>
- [16] "Hugin" e "Munin" no Dicionário da Mitologia, <http://www.mythologydictionary.com/hugin-mythology.html> e <http://www.mythologydictionary.com/hugin-mythology.html>
- [17] "Grugnir" no Dicionário da Mitologia <http://www.mythologydictionary.com/gungnir-mythology.html>
- [18] "Valhalla" no Dicionário da Mitologia <http://www.mythologydictionary.com/valhalla-mythology.html>
- [19] "A Busca de Odin por Sabedoria" de *Histórias Nórdicas Recontadas das Eddas* por Hamilton Wright Mabie. Acessado online em: <http://www.mainlesson.com/display.php?author=mabie&book=norse&story=wisdom>
- [20] *O Amor do Destino: O Sagrado e o Profano no Poiteísmo Germânico* (2013) de Dan McCoy, acessado online em: <http://norse-mythology.org/wp-content/uploads/2013/03/The-Love->

of-Destiny.pdf

[21] *Comentário da Edda Prosaica* por Gamall Steinn. Acessado online em <http://gamall-steinn.org/text/proseedda.pdf>

[22] A Saga completa pode ser lida aqui: <http://book2look.de/vBook.aspx?id=5nYjPDbWBd&euid=2967251&ruid=0&referURL=http://book2look.de>

[23] *Amuletos Rúnicos e Objetos Mágicos* (2006) por Mindy MacLeod, Bernard Mees. Boydell Press. pp 32

[24] *Paganismo Europeu: As Realidades do Culto desde a Antiguidade à Idade Média* (2000) de Ken Dowden, publicado por Routledge.

[25] *Germania* de Tacitus, Capítulos 9-10. Texto integral em: <http://www.unrv.com/tacitus/tacitus-germania-2.php>

[26] "Práticas de Culto nas Casas de Blót das Fazendas da Era Viking: Novas Descobertas do Sudeste Islandês" (2008) de Bjarni F. Einarsson. Publicado no periódico *Acta Archaeologica* v 79, pp 145-188

[27] "Saibas como fazer Blot" de Eric Wódening, acessado online em <http://wodening.englathed.org/eric/blot.html>

[28] O texto completo de *Beowulf* pode ser encontrado na página do Projeto Gutenberg, acessado online em: <http://www.gutenberg.org/files/16328/16328-h/16328-h.htm>. Mais informação sobre rituais e entrega de presents em *Beowulf* pode ser encontrada em "Ritual em *Beowulf*" de Kateřina Olexová (2007), tese disponível online em http://is.muni.cz/th/145525/ff_b/ba_thesis.pdf

[29] *O Poder no Alto: Realeza Teocrática desde Constantino até a Reforma* (2005) acessado online em <https://docs.google.com/document/d/1OK2Hy6iCXC6ngTD5N395MX3gRDz1Pixf0K8YXzv0F6Q/edit?pli=1>

[30] *Germania* de Tacitus, Capítulo 11. Texto integral encontrado em: <http://www.unrv.com/tacitus/tacitus-germania-3.php>

[31] "A Trollkryka" por Alfarrin, acessado online em <http://cauldronborn.blogspot.com/2006/12/trollkryka.html>

[32] Para uma tradução e interpretação do relato de Adam de Bremen, visite: <http://www.germanicmythology.com/works/uppsalatemple.html>

[33] "O Significado das Runas " de Ingrid Halvorsen, acessado online em: <http://sunnyway.com/runes/meanings.html>

[34] "O Templo na Antiga Uppsala e os Montes Fúnebres Reais" <http://www.germanicmythology.com/works/uppsalatemple.html>

[35] "O Templo na Antiga Uppsala e os Montes Fúnebres Reais " <http://www.germanicmythology.com/works/uppsalatemple.html>

[36] "Os Deuses Vikings: Crenças, fontes e sagas nórdicas", acessado online em: <http://chesterfieldpagans.org/about-paganism/talks-and-presentations/the-viking-gods-norse-beliefs-sources-and-sagas/>

[37] *O Poder no Alto: Realeza Teocrática desde Constantino até a Reforma* (2005) acessado online em <https://docs.google.com/document/d/1OK2Hy6iCXC6ngTD5N395MX3gRDz1Pixf0K8YXzv0F6Q/edit?pli=1>

[38] *O Amor do Destino: O Sagrado e o Profano no Politeísmo Germânico* (2013) de Dan McCoy, acessado online em: <http://norse-mythology.org/wp-content/uploads/2013/03/The-Love-of-Destiny.pdf>

[39] "O Juramento de Odin" acessado online em:
<http://www.orkneyjar.com/history/odinstone/odinoath.htm>

[40] "A Caçada Selvagem" acessado online em: <http://www.orkneyjar.com/tradition/hunt.htm>

[41] A Homepage da Irmandade de Odin pode ser acessada on-line em
<http://www.odinbrotherhood.com/>